

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA**

MAURO ANDRÉ ALVARENGA

SAMBA, UMA FILOSOFIA DE RESISTÊNCIA

**CAMPINAS
2025**

MAURO ANDRÉ ALVARENGA

SAMBA, UMA FILOSOFIA DE RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon, para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Filosofia.

CAMPINAS

2025

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A473s	Alvarenga, Mauro André SAMBA, UMA FILOSOFIA DE RESISTÊNCIA / Mauro André Alvarenga. - Campinas: PUC-Campinas, 2025. 30 f. Orientador: Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon. TCC (Bacharelado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2025. Inclui bibliografia. 1. Samba. 2. Afroperspectivismo. 3. Descolonização do Saber. I. Pozzebon, Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Filosofia. III. Título.
-------	--

MAURO ANDRÉ ALVARENGA

SAMBA, UMA FILOSOFIA DE RESISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon, para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Filosofia.

Julgado e aprovado em 01 /12 / 2025

Estudo muito bem-feito, aborda temática relevante e inovadora.

Nota: Dez.



Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Orientador

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar minha caminhada de discernimento vocacional, confiei plenamente em Deus a minha vida, e a direção que ela tomaria ao me lançar inteiramente no seu chamado. Concluindo esta etapa de discipulado da formação, agradeço plenamente pelo cuidado que ele teve e tem com a minha vida, e também agradeço ao amparo da bem-aventurada Virgem Maria que em cada momento de dificuldade intercedeu e me amparou.

Agradeço aos meus pais, Antônio Sebastião Alvarenga (in memorian) e Marta Pereira Alvarenga (in memorian), que hoje não podem compartilhar fisicamente esse passo dado em minha vida, mas que em forma de uma poderosa intercessão são os principais protagonistas desta fase. Seus ensinamentos e experiências de vida, refletiram em mim a beleza de viver e concluir essa vida de tal forma que as heranças deixadas, não foram em bens materiais, mas em uma forma de legado, que nem o tempo e nem as circunstâncias poderão me fazer perder. Como disse o sambista João Nogueira: “Pois quando o espelho é bom, ninguém jamais morreu”

Agradeço aos meus irmãos, Marcos Tadeu Alvarenga, Marcio Tadeu Alvarenga, que no momento em que mais precisei se fizeram presente mostrando o verdadeiro sentido da palavra irmão, e me impulsionando sempre a seguir em frente, nunca me deixando sentir-se sozinho nesta caminhada.

Um agradecimento especial a minha tia Fatima Maria Pereira e minha irmã Elizabeth Aparecida Alvarenga, que sempre estiveram presente na minha vida de uma forma singular, e que no momento de perda da minha mãe se fizeram ainda mais presente, sempre prontas a ajudar, e a escutar minhas aflições. Não poderia deixar de citar neste agradecimento o trecho do samba que descreve perfeitamente o meu sentimento: “Foi Deus quem pôs você no meu caminho, na hora certa, pra me socorrer, eu não teria chegado sozinho a lugar nenhum se não fosse você” (Claudio André Guimarães / Sergio Roberto Serafim).

Agradeço a minha Diocese de Amparo, que sempre me proporcionou ótimas condições e a oportunidade de estar neste processo formativo, cada fiel que confia sempre na formação, colaborando de forma material, mas principalmente de forma espiritual, sustentando-nos com suas orações.

Agradeço ao bispo diocesano, Dom Luís Gonzaga Fecchio, que sempre com seu cuidado e presença no processo formativo, nos incentivou e proporcionou a

oportunidade do desenvolvimento pessoal e intelectual. Em uma de nossas conversas, me disse uma frase que hoje finalizando essa etapa faz ainda mais sentido: “Minha maior preocupação é que antes de se formar a padre, todos possam se formar humanos”.

Agradeço aos reitores que tive neste período do processo formativos, ao quais me dou a liberdade de chamar de amigos. Ao amigo, Pe. Nelson Antonio Demiciano, reitor do propedêutico, ao amigo, Pe. André Luiz Rossi, ex-reitor, e ao amigo Pe. Alexandre Donizete Cortez, reitor do seminário. Que sempre se fizeram presente me ajudando muito neste processo de discernimento.

Agradeço ao orientador de estudos Pe. Anderson Frezzato, ao qual tem uma grande participação neste trabalho, onde se colocou à disposição prontamente a nos ajudar, e com sua experiência e sabedoria nos auxiliou para que pudéssemos concluí-lo.

Agradeço a minha paróquia de origem, Santo Antônio de Pádua de Pedreira/SP, e as paróquias que exerci meu estágio pastoral, Paróquias Santo Benedito - Amparo/SP, Nossa Senhora da Penha - Itapira/SP, e Paróquia São Pedro Apóstolo - Mogi Mirim/SP, que na figura de seus párocos e paroquianos, me ajudaram e me ajudam muito neste processo.

Agradeço ao professor orientador, Paulo Moacir Pozzebon, que com maestria e sabedoria nos auxiliou neste trabalho, que desde o projeto com muita paciência soube nos instruir, onde com muito carinho e cuidado acompanhou e orientou cada etapa.

Agradeço aos meus amigos seminaristas da casa de formação e aos meus amigos de turma, Allan Eduardo Pelegrino Luppi, Diego Alves da Silva e João Pedro Rosário de Souza, que estiveram junto comigo desde o início desta caminhada, e com um vínculo de amizade muito forte que estabelecemos, colaboraram ajudando e fortalecendo em cada dificuldade.

Por fim, agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS), que proporcionou bons professores, e um ambiente favorável para o aprendizado. E a todos os meus colegas de turma.

Muito Obrigado!

“Samba é filosofia
Fidalguia do salão
Tem a força e a magia
Que acende o coração
E pra minha alegria
O meu samba vai além”
Sombrinha / Adilson Victor

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar o Samba como uma forma legítima de pensamento e filosofia negra brasileira, apresentado na forma de monografia submetida como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Filosofia Bacharelado da Pontifícia Universidade Católica, da cidade de Campinas (SP), sob orientação do professor Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon. A pesquisa parte da perspectiva afroperspectivista, defendida pelo autor Renato Noguera, e utilizando autores que defendem o saber negro como: Frantz Fanon e Sueli Carneiro, articulando nesse ínterim com o conceito de relação de memória coletiva em relação ao sujeito em Paul Ricoeur. Mais do que expressão artística, o samba é analisado como um espaço simbólico de produção de saberes, que associa crítica social, memória afetiva, ancestralidade e identidade negra. O estudo valoriza o protagonismo de sambistas como Jorge Aragão, Leci Brandão e Vinny Santa Fé, propondo uma descolonização da filosofia a partir das epistemologias do sul. Por meio de uma abordagem qualitativa, a pesquisa busca promover o reconhecimento do samba como ferramenta pedagógica e filosófica, contribuindo para o pluralismo epistemológico e para uma educação filosófica emancipatória.

Palavras-chave: Samba; Filosofia Negra; Resistência Cultural; Afroperspectivismo; Descolonização do Saber; Identidade Negra; Educação Filosófica; Crítica Social.

ABSTRACT

This present work proposes to analyze Samba as a legitimate form of Brazilian Black thought and philosophy, presented in the form of a monograph submitted as a Final Course Project (Trabalho de Conclusão de Curso - TCC) for the Bachelor's degree in Philosophy at the Pontifical Catholic University of Campinas (SP), under the supervision of Professor Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon. The research starts from the Afro-perspectivist viewpoint, advocated by the author Renato Noguera, and utilizes authors who defend Black knowledge such as: Frantz Fanon and Sueli Carneiro, articulating, in the interim, with Paul Ricoeur's concept of the relationship between collective memory and the subject. More than just an artistic expression, samba is analyzed as a symbolic space for the production of knowledge, which associates social criticism, affective memory, ancestry, and Black identity. The study highlights the protagonism of sambistas (samba artists/composers) like Jorge Aragão, Leci Brandão, and Vinny Santa Fé, proposing a decolonization of philosophy based on epistemologies of the South. Through a qualitative approach, the research seeks to promote the recognition of samba as a pedagogical and philosophical tool, contributing to epistemological pluralism and emancipatory philosophical education.

Keywords: Samba; Black Philosophy; Cultural Resistance; Afro-perspectivism; Decolonization of Knowledge; Black Identity; Philosophical Education; Social Criticism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O SAMBA COMO EXPRESSÃO DA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA, CULTURAL E SOCIAL DO POVO NEGRO NO BRASIL	13
3 O SAMBA COMO PRÁTICA FILOSÓFICA E RESISTÊNCIA EPISTÊMICA.....	17
4 O SAMBA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA E DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	22
5 CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Inspirado no livro *Sambo, logo penso* (2015), este trabalho parte da ideia de que o Samba não apenas expressa pensamento, mas é, ele próprio, uma forma de pensamento. A obra, organizada por Wallace Lopes Silva, com coordenação de Renato Nogueira, propõe uma filosofia afroperspectivista que reconhece o Samba como um lugar legítimo de produção de conhecimento.

O livro pretende pensar o samba através de conceitos filosóficos. Pois bem, considerando que o samba é um signo negro, importante bastião da cultura afro-brasileira e que fornece parte indispensável da identificação nacional, se faz necessário pensar uma filosofia afroperspectivista. O que significa deseuropeizar a filosofia para fazer dela uma aliada do compasso binário do samba. As articulações, à primeira vista, inusitadas, são desafios permanentes que o grupo tem enfrentado desde seus primeiros encontros em rodas de filosofia. Pensar o samba a partir de conceitos filosóficos significa fazer alguns argumentos dançarem, tocar conceitos, abrir alas para que as ideias percorram a avenida com seus enredos e alegorias (MORAES, 2015, p. 11).

É importante destacar que, dentro do que chamamos de Samba, existem várias vertentes, desde contexto de composições até ritmos, não podemos tratar de forma generalizada o “samba” por não ser uniforme. Porém trabalharemos na perspectiva de sua importância na história e identificação de um ritmo musical que por vezes foi discriminado, e considerado indesejável pelas elites, e com uma incrível resistência, principalmente de posição crítica da sociedade, foi ganhando seu espaço na cultura brasileira, e perpassando pela interação entre grupos sociais, como afirma Vianna:

O mistério é outro: como o samba — música de morro discriminada pelo resto da população e reprimida pela polícia — transformou-se em símbolo da identidade nacional brasileira? [...] A nacionalização do samba não consiste em fato isolado — sendo resultado de longo processo de interação entre grupos sociais (VIANNA, 1995, p. 34).

Historicamente marginalizado, o Samba foi criminalizado, proibido e relegado às margens das cidades — especialmente às favelas, cortiços e guetos — sendo associado a práticas consideradas indesejáveis pelas elites. Apesar disso (ou justamente por isso), o Samba sobreviveu como prática de desobediência civil e, mais profundamente, como prática de desobediência epistêmica (MORAES et al., 2018), resistindo à exclusão dos saberes negros e populares.

Este trabalho é a apresentação de uma perspectiva do Samba, tendo a ciência de que ela parte de um lugar subalterno ocupado pelos sambistas que trazem nas

suas poesias um olhar crítico à sociedade, e daquilo que vivem, tendo como grande questão a defesa de que o samba nestes parâmetros, pode ser sim uma filosofia.

Pode ser que algum crítico ou alguém de má fé venha nos acusar de estar fazendo filosofia de botequim ou filosofia de fundo de quintal. E isso não seria um problema. Não se pode fazer filosofia do fundo de quintal? O que é um fundo de quintal? De fato, é um lugar mais próximo da cozinha, tem sua proximidade com a senzala, esconde aquilo que não pode ser visto. O fundo de quintal é uma paragem marginal (MORAES, 2015, p. 141).

O samba, por seu estilo musical envolvente e alegre, pode ser tratado simplesmente como um gênero musical comemorativo ou um símbolo folclórico da identidade nacional, sendo que na verdade, ele foi e ainda é uma poderosa ferramenta de elaboração filosófica e política. Para além de sua dimensão estética, o samba é um espaço simbólico onde se constroem saberes, se articulam afetos e se narram experiências históricas de luta, dor, celebração e resistência do povo negro no Brasil.

O samba não pode ser reduzido a um simples gênero musical ou a um folclore exótico da cultura brasileira. Ele é um espaço de produção de conhecimento, onde se articulam memórias, afetos e narrativas que expressam a experiência histórica e política do povo negro no Brasil. O samba é, portanto, uma forma de filosofia popular, uma maneira de pensar e resistir diante das adversidades” (SILVA, 2015, p. 23).

Para a interpretação do samba como ferramenta filosófica na luta e crítica contra o racismo e a indiferença social, partiremos da perspectiva de um instrumento filosófico negro, que quebrou barreiras e pode alcançar este patamar de análise precisa de grandes problemas, assim como fizeram alguns pensadores negros (Franz Fanon, Renato Nogueira, Sueli Carneiro), os quais faremos algumas citações de seus trabalhos e contribuições nesta mesma luta, mostrando que podemos sim ter uma filosofia negra.

Em uma visão “afroperspectivista” (NOGUEIRA, 2015, p. 45), assim como Leci Brandão, figuras como Jorge Aragão, Vinny Santa Fé, entre outros, representam um exemplo emblemático de filosofia viva. Dentre suas grandes e importantes colaborações para a música brasileira, várias de suas composições trazem à tona temas como a desigualdade, o racismo, a invisibilidade social e a luta por reconhecimento (MORAES, 2015, p. 140). Esta arte, profundamente engajada, funciona como uma filosofia da ação, que questiona o Estado, denuncia a opressão e destaca a importância de se acreditar em uma produção intelectual que surge do interior da cultura negra, não precisando recorrer somente a pensamentos que “vem de fora”. Assim:

Podemos sorrir, nada mais nos impede
Não dá pra fugir dessa coisa de pele
Sentida por nós, desatando os nós
Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora
É a nossa canção pelas ruas e bares, que
Nos traz a razão, lembrando Palmares
Foi bom insistir, compor e ouvir
Resiste quem pode à força dos nossos pagodes (Aragão, 1986)

Portanto, a presente pesquisa propõe investigar o samba como uma filosofia de resistência, explorando suas múltiplas dimensões como prática cultural, política e intelectual. O objetivo é dar visibilidade à potência filosófica do samba e contribuir para o reconhecimento da diversidade epistemológica que marca a história e a cultura afro-brasileira. Trata-se de um movimento de “enegrecimento” da filosofia, no sentido de revitalizá-la com os saberes que brotam da vivência, da ancestralidade e da coletividade.

2 O SAMBA COMO EXPRESSÃO DA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA, CULTURAL E SOCIAL DO POVO NEGRO NO BRASIL

Na busca por um pensamento crítico filosófico presente no samba, este primeiro capítulo aborda o Samba como uma manifestação que transcende a definição de simples gênero musical, posicionando-o como uma expressão fundamental da experiência histórica, cultural e social do povo negro no Brasil. Na busca por um pensamento crítico ao mesmo tempo filosófico no Samba, não se pode esquecer que se qualifica como uma importante ferramenta de manifestação de um povo silenciado por séculos. Nesse sentido, Silva (2015, p. 23) corrobora essa visão ao afirmar que "o samba não pode ser reduzido a um simples gênero musical [...] ele é um espaço de produção de conhecimento, onde se articulam memórias, afetos e narrativas que expressam a experiência histórica e política do povo negro no Brasil".

De uma forma breve, analisaremos suas origens e trajetória, intrinsecamente ligadas à diáspora africana e ao contexto pós-Abolição, e seu papel crucial na construção de uma identidade coletiva negra. A investigação destaca a profunda conexão do samba com as religiões de matriz africana, que evidencia sua dimensão ancestral e comunitária, e explora como essa prática cultural se consolidou como um espaço de resistência, memória afetiva e produção de saberes populares.

Para a contextualização histórica cultural do samba, o livro base é "Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro", no qual Roberto Moura (1995) apresenta dados históricos importantes para essa pesquisa, a fim de iniciarmos com o questionamento: de onde surge e como emerge o samba em uma sociedade pós abolição, cercada de preconceitos e discriminações?

A história do samba está diretamente vinculada às transformações sociais do Brasil no período pós-Abolição. Com a promessa de liberdade, um intenso fluxo migratório de negros libertos, majoritariamente da Bahia, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, então capital da República (MOURA, 1995, p. 43). Esses migrantes, buscando novas oportunidades e fugindo de condições ainda análogas à escravidão, formaram comunidades em áreas específicas da cidade, notadamente na região portuária e na Cidade Nova, essa área ficou conhecida como "Pequena África". Segundo Moura, esse território era vital para a coesão do grupo:

No caso de João Alabá, freqüentavam as tias baianas que eram os grandes esteios da comunidade negra, responsáveis pela nova geração que nascia carioca, pelas frentes do trabalho comunal, pela religião, rainhas negras de um Rio de Janeiro chamado por Heitor dos Prazeres de "Pequena África", que se estendia da zona do cais do porto até a Cidade Nova, tendo como capital a praça Onze (MOURA, 1995, p. 93).

A conexão do Samba com as manifestações religiosas de matriz africana é um pilar de sua força e significado. As casas das tias baianas, como a icônica Tia Ciata, funcionavam como terreiros de candomblé e, simultaneamente, como palcos para as rodas de samba (MOURA, 1995, p. 103). Essa dupla função demonstra que o samba nasceu imerso em uma cosmologia que valoriza a ancestralidade, a comunidade e a celebração como elementos centrais da vida.

As festas nos terreiros eram complexas, abrigando diferentes manifestações simultaneamente: "baile na sala de visitas, samba de partido alto nos fundos da casa e batucada no terreiro" (MOURA, 1995, p. 82). Essa estrutura espacial refletia uma organização social que, embora festiva, era hierarquizada e codificada.

Figuras como Tia Ciata, Iyá Kekerê (mãe-pequena) no terreiro de João Alabá, exerciam uma liderança espiritual e social, sendo responsáveis por zelar pelas tradições e pela coesão do grupo (MOURA, 1995, p. 100).

A associação de orixás a santos católicos, e a realização de missas antes das grandes festas de candomblé, representam não apenas um sincretismo, mas uma estratégia de sobrevivência e legitimação em uma sociedade hostil às culturas africanas:

Entretanto, a continuidade dessa aproximação forçada, a contiguidade da vida do escravo com o mundo dos brancos, associaria a identidade de orixás à dos santos católicos, levaria filhas-de-santo a irmandades de Nossa Senhora, transformaria as missas em preâmbulos das festas africanas" (MOURA, 1995, p. 128).

Essa base ancestral confere ao Samba uma profundidade que vai além do entretenimento. Ele se torna um veículo para a transmissão de valores, conhecimentos e uma visão de mundo que resiste à fragmentação imposta pela diáspora e pela escravidão.

Desde suas origens, o samba foi alvo de perseguição e preconceito por parte das elites e das autoridades. Associado a práticas consideradas "primitivas" e "indesejáveis", foi criminalizado e reprimido, sendo suas manifestações frequentemente interrompidas pela polícia. O próprio ato de tocar um pandeiro ou dançar em roda era visto como "coisa de polícia":

Havia na época muita atenção da polícia às reuniões dos negros: tanto o samba como o candomblé seriam objetos de contínua perseguição, vistos como coisas perigosas, como marcas primitivas que deveriam ser necessariamente extintas, para que o ex-escravo se tornasse parceiro subalterno “que pega no pesado” de uma sociedade que hierarquiza sua multiculturalidade” (MOURA, 1995, p. 100).

Essa marginalização, no entanto, fortaleceu o caráter de resistência do samba. Ele sobreviveu como uma prática de desobediência epistêmica, desafiando a exclusão dos saberes negros e populares do campo cultural hegemônico (MORAES, 2015, p. 141). A luta pela afirmação do Samba é, portanto, uma luta pelo direito de existir e de expressar uma identidade cultural própria.

Frantz Fanon (2008), em sua análise da psicologia do colonizado, afirma que o povo colonizado tende a desacreditar de suas crenças originárias, com uma inferioridade imposta pelo povo colonizador, adotando e por vezes mesclando assim a sua cultura à do colonizador, possivelmente como uma tática de sobrevivência (FANON, 2008, p. 34). Porém, o nosso objeto de estudo, o Samba, nesse sentido toma um rumo inverso. A insistência em praticar o Samba, em seus ritmos, danças e sociabilidades, atua como uma forma de resistência a essa imposição cultural, afirmando uma "originalidade" que a sociedade dominante tentava sepultar. Sobre essa natureza de resistência epistêmica, Silva (2015) argumenta

O samba não pode ser reduzido a um simples gênero musical ou a um folclore exótico da cultura brasileira. Ele é um espaço de produção de conhecimento, onde se articulam memórias, afetos e narrativas que expressam a experiência histórica e política do povo negro no Brasil. O samba é, portanto, uma forma de filosofia popular, uma maneira de pensar e resistir diante das adversidades (SILVA, 2015, p. 23).

Neste cenário de marginalização e de imposição de uma cultura colonizadora feita ao samba, nele se constitui um espaço vital para a produção e transmissão de saberes populares e para a manutenção da memória coletiva, sendo uma importante ferramenta para a manifestação e resistência cultural que os negros trazem em sua ancestralidade. Como argumenta Paul Ricoeur ao citar Maurice Halbwachs, em seu escrito sobre a memória coletiva: a memória não é apenas um ato individual, mas um fenômeno coletivo, partilhado e reconstruído no seio de uma comunidade, onde para se lembrar, precisa-se dos outros (RICOEUR, 2007, p. 131).

Nas rodas de Samba, essa memória coletiva é ativada por meio de elementos sensoriais e performáticos, a dança do samba, com sua "ginga" e o "sapateado", não é apenas um movimento estético, é um corpo que pensa e que guarda memórias. O

ritmo, por sua vez, é descrito como "o elemento vital por excelência" (ARCURI, 2015, p. 91), originários dos ritmos africanos, conectando os participantes a uma ancestralidade e a uma experiência comum (MOURA, 1995, p. 82).

As letras de Samba, especialmente no partido-alto, eram frequentemente improvisadas, narrando o cotidiano, as alegrias, as dores e as críticas sociais da comunidade. Essa tradição oral, onde "um cantava um verso e o pessoal cantava um de cada vez" (MOURA, 1995, p. 93), era o principal meio de transmissão intergeracional de histórias, valores e conhecimentos.

As festas e rodas de Samba, eram acima de tudo, espaços de encontro e celebração, onde os laços comunitários eram reforçados (MOURA, 1995, p. 82). Nesse contexto, a roda de samba funciona como um antídoto contra o esquecimento forçado, um lugar para a celebração da memória viva e afetiva da comunidade negra.

Assim, o Samba se revela como uma prática cultural complexa, onde a história do povo negro no Brasil é contada, sentida, dançada e cantada. Ele é o testemunho vivo de uma trajetória de luta, resiliência e afirmação, um pilar na construção da identidade afro-brasileira e um campo fértil para a produção de uma filosofia que nasce da experiência, trazendo em seu corpo, letra e melodia a imagem ancestral cultural de um povo que lutou uma injusta batalha e permanece na história brasileira.

3 O SAMBA COMO PRÁTICA FILOSÓFICA E RESISTÊNCIA EPISTÊMICA

Para a análise do Samba como prática filosófica e de resistência epistêmica, ou seja, uma forma de contestar a estrutura do saber dominante no campo filosófico, deslocando-o da esfera de mero entretenimento para posicioná-lo como uma potente prática filosófica e uma forma de resistência epistêmica, buscaremos neste capítulo uma via alternativa, não somente de crítica e desvalorização do saber dominante europeu, mas com a tentativa de apresentar a beleza do saber no campo filosófico presente na cultura negra, através do objeto de pesquisa, o Samba.

Vou exigir do homem branco de hoje que se responsabilize pelos negreiros do século XVII? Vou tentar por todos os meios fazer nascer a Culpabilidade nas almas? A dor moral diante da densidade do Passado? Sou preto, e toneladas de grilhões, tempestades de pancada, torrentes de escarro escorrem pelas minhas costas. Mas não tenho o direito de me deixar paralizar. Não tenho o direito de admitir a mínima parcela de ser na minha existência. Não tenho o direito de me deixar atolar nas determinações do passado (FANON, 2008, p. 190).

Partindo dos fundamentos das filosofias negras (LOPES, 2015, p.16), examinaremos como o Samba se constitui enquanto um locus de produção de saberes, a articulação entre o popular e o intelectual, a ancestralidade e a crítica social forjam um pensamento autônomo e libertador. A análise se concentrará em demonstrar a função do samba como ferramenta de resistência cultural, política e epistemológica, destacando o papel de sambistas como agentes culturais e filósofos.

Considerando ser um trabalho de monografia de conclusão de curso de bacharelado, a apresentação completa de uma “Filosofia Afro” não seria possível, como questionamento para uma continuação da pesquisa posteriormente, poderia apontar: Como essa perspectiva de uma filosofia africana, poderia ser descrita, definida e caracterizada? Apresentando de uma forma mais completa suas teses e postulados.

Porém para o esclarecimento de apresentação do modo de pensar oriundo de um povo silenciado, podemos iniciar este capítulo nos perguntando afinal, o que é uma filosofia Afroperpectivista?

A palavra Afropespectiva, merece um destaque principal já no início desta discussão, visto que iremos utilizar autores negros não necessariamente sujeitos do continente africano, mas que em suas vidas e obras, trazem este olhar atento a importantes pensamentos oriundos da África. Um continente muito grande, composto

por cinquenta e quatro países (SOUSA, c2025), com muitas culturas diferentes, mas que traz em seu nome em um contexto geral, uma diminuição intelectual, fruto da escravidão forçada e a tentativa de uma supremacia de poder, mantida por um pressuposto intelectual superior provindo de uma concentração do saber Europeu (NOGUERA, 2015, p. 35).

A filosofia, historicamente, foi dominada por uma perspectiva eurocêntrica que marginalizou e silenciou outras formas de saber. Em contraposição a esse modelo, surgem a filosofia negra e as epistemologias do sul, que buscam "a afirmação das epistemologias do sul" e a descolonização do pensamento. Nesse contexto, a "afroperspectividade", conceito desenvolvido por Renato Nogueira, propõe uma "filosofia que venha dele, do Samba, que o pense a partir de uma escuta e do acolhimento de questões que o próprio Samba coloca à filosofia" (NOGUERA, 2015, p. 45).

Essa abordagem afroperspectivista significa "deseuropeizar a filosofia para fazer dela uma aliada do compasso binário do samba" (SILVA, 2015, p. 11). Trata-se de reconhecer que a experiência negra, marcada pela diáspora, pela escravidão e pela resistência, produziu formas de conhecimento e de reflexão filosófica que não podem ser ignoradas. Sueli Carneiro denuncia o "epistemicídio", a "negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados" (CARNEIRO, 2005, p. 96). O Samba, nesse sentido, emerge como uma resposta a esse epistemicídio, um espaço onde o saber negro é produzido, validado e transmitido.

Frantz Fanon reforça a ideia de que a descolonização passa pela mente e pelo reconhecimento da subjetividade negra como agente de transformação, quando diz: "Eu sou meu próprio fundamento. É superando o dado histórico, instrumental, que introduzo o ciclo de minha liberdade" (FANON, 2008, p. 190). O Samba, como veremos, é um dos veículos dessa transformação, um lugar de fala, onde sujeitos historicamente marginalizados reivindicam sua existência e seu protagonismo (RIBEIRO, 2017, p. 28).

Longe de ser apenas um reflexo da realidade, o Samba é um espaço ativo de produção de conhecimento, onde se articulam saberes populares e intelectuais de forma única. É uma "filosofia popular, uma maneira de pensar e resistir diante das adversidades" (SILVA, 2015, p. 23).

O Samba mescla a sabedoria ancestral, a crônica do cotidiano e a reflexão crítica sobre a sociedade. As rodas de Samba, herdeiras dos encontros nos terreiros da Pequena África (MOURA, 1995, p. 82), são laboratórios onde a experiência vivida é transformada em poesia, música e filosofia. Nelas, o "trabalho de rememoração" (RICOEUR, 2007, p. 84) coletivo se une à criação artística.

A própria existência do Samba, diante da criminalização e da perseguição (MOURA, 1995, p. 111), já é um ato político. Além disso, suas letras frequentemente denunciam as injustiças sociais. Leci Brandão, por exemplo, em sua obra, "pensa, canta e compõe as mulheres, os negros e negras, os homossexuais, os especiais, os presidiários e presidiárias, os sofrendores e as crianças" (MORAES, 2015, p. 145). Sua arte é uma "arte política, crítica, revolucionária, que questiona o Estado, denuncia a opressão" (MORAES, 2015, p. 145).

Figuras como Jorge Aragão e Leci Brandão são mais do que músicos; são intelectuais orgânicos de sua comunidade. Em "Coisa de Pele", Jorge Aragão canta: "Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora / É a nossa canção pelas ruas e bares, que / Nos traz a razão, lembrando Palmares" (ARAGÃO, 1986). Essa letra é um manifesto de valorização da produção cultural e intelectual negra, uma clara expressão de resistência epistêmica.

O sambista Vinny Santa Fé, compôs uma música chamada "Caixeiro Viajante", onde a letra é muito profunda, destacando os desafios e lutas do racismo estrutural. Ao utilizar a frase "Se penso logo existo, e se existo logo tenho opinião" em um dos versos da música, se apropriou de uma famosa frase do filósofo Descartes, "Cogito, ergo sum", que significa, "penso logo existo". Prontamente no trabalho da componente curricular Projeto Integrador realizado no 4º semestre, tive o interesse de fazer a análise da música comparada com o conteúdo presente na filosofia de Descartes. Apresentando a análise da frase, no conteúdo filosófico e na letra, observamos que o compositor da música não tinha interesse em explicar a filosofia cartesiana, mas a utilizou por conta do impacto que a frase teve em sua vida ao ter contato com a filosofia. Após a apresentação do trabalho ao compositor, ele manifestou a alegria em utilizar a sua música em trabalho acadêmico de filosofia e mencionou: "Realmente não conhecia a fundo a filosofia de Descartes, mas essa frase me acompanha desde os tempos escolares" (SANTA FÉ, 2025, informação verbal).

Assim como a frase de certo modo impactou a vida do compositor, a sua letra também impactou a minha e agora utilizando-a em uma forma reflexiva em relação a

presença do pensar crítico no samba, utilizo-a novamente. Porém a análise feita neste momento será da frase "um prisioneiro, um papel e uma caneta libertar a mente de uma multidão" (SANTA FÉ, 2021), que funciona como uma poderosa alegoria para a potência do saber filosófico como ferramenta de libertação para os povos marginalizados. O "prisioneiro" representa o sujeito oprimido, o "homem de cor" que, segundo Frantz Fanon, precisa se "liberar de si próprio" (FANON, 2008, p. 26) e da alienação imposta por uma sociedade que o desumaniza. Ele não está apenas confinado por muros físicos, mas pela própria estrutura de uma sociedade racista que o aprisiona em estereótipos. Nesse contexto, "o papel e a caneta" simbolizam os instrumentos da filosofia e da educação, as ferramentas para a "súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais" (FANON, 2008, p. 28). É por meio da reflexão e da articulação de um pensamento próprio — uma forma de "desobediência epistêmica", que o prisioneiro começa a "superar o dado histórico, instrumental" para introduzir o "ciclo de sua liberdade" (FANON, 2008, p. 190).

A importância desse ato não é individual, mas coletiva, pois visa "libertar a mente de uma multidão" (SANTA FÉ, 2021). O pensamento formulado pelo "prisioneiro", serve como um catalisador para a comunidade. Ele permite que o grupo inicie seu próprio "trabalho de memorização" (RICOEUR, 2007, p. 84) e confronte uma "memória manipulada" (RICOEUR, 2007, p. 93). Ao valorizar a educação e reconhecer o Samba como uma "ferramenta pedagógica e filosófica", a sociedade fornece ao povo marginalizado o "papel e a caneta" necessários para que, mesmo em condições de aprisionamento, possam articular um pensamento que liberte não apenas a si mesmos, mas a todos que partilham de sua história.

A conexão com a ancestralidade, quando de um modo bem popular podemos dizer, "essa magia" que acontece em uma roda de Samba conecta o indivíduo a algo maior: a sua comunidade, sua ancestralidade, sua história. Essa conexão promove uma forma de transcendência. A "memória feliz" (RICOEUR, 2007, p. 502), celebrada no samba, permite ao sujeito transcender as dores do presente e se reconectar com a força de sua herança cultural.

O Samba, portanto, não é apenas a "trilha sonora" da cultura afro-brasileira; ele é uma de suas principais correntes filosóficas. Como prática de resistência epistêmica, ele desafia a hegemonia do pensamento eurocêntrico e afirma a legitimidade do saber negro. Ao articular saberes populares e intelectuais, e ao promover uma profunda reflexão sobre a condição humana, se revela como uma filosofia viva, pulsante e

essencial para a compreensão do Brasil. Reconhecê-lo como tal é um passo fundamental para a descolonização do saber e para a construção de uma filosofia verdadeiramente plural, brasileira e afroperceptivista.

4 O SAMBA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA E DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Após contextualizar o Samba como expressão histórica da experiência negra e fundamentá-lo como uma prática filosófica de resistência epistêmica, este capítulo avança para demonstrar sua dimensão aplicada. O objetivo aqui é explorar o Samba não apenas como um objeto de análise, mas como uma ferramenta pedagógica ativa e um agente de transformação social. Investigaremos como alguns sambistas, na figura de “filósofos-educadores”, utilizam a música para disseminar uma consciência crítica e histórica. Em seguida, discutiremos o potencial do Samba como recurso didático, alinhado às diretrizes educacionais brasileiras. Por fim, analisaremos a roda de samba como um espaço para além da academia, onde a filosofia se manifesta de forma comunitária, fortalecendo a identidade e a cidadania. Este capítulo busca, em última análise, consolidar o argumento de que a filosofia do samba é uma práxis, um saber que se realiza na ação e que possui o poder de transformar tanto o indivíduo quanto a coletividade.

O conceito filosófico de práxis refere-se à união indissociável entre teoria e prática, onde o pensamento se realiza como uma ação transformadora da realidade. Sua formulação mais célebre vem da 11ª Tese sobre Feuerbach de Karl Marx, citada por Frantz Fanon: "O problema não é mais conhecer o mundo, mas transformá-lo" (FANON, 2008, p. 33). Nessa perspectiva, a filosofia abandona um lugar puramente contemplativo para se tornar uma ferramenta de intervenção crítica. No contexto da filosofia afroperspectivista, a obra de artistas como Leci Brandão é um exemplo de "filosofia da práxis", pois sua produção é uma "arte engajada, de ações afirmativas que aborda questões tratadas pela ética e pela política em filosofia" (MORAES, 2015, p. 145), funcionando como uma forma de resistência que age diretamente sobre as estruturas sociais.

Essa visão alinha-se ao pensamento de Fanon, para quem a primeira urgência filosófica é: "após ter refletido o homem deve se preparar para agir" (FANON, 2008, p. 184). Portanto, a práxis é a materialização do pensamento em uma ação que busca não apenas interpretar, mas fundamentalmente mudar o mundo, especialmente a partir da experiência dos oprimidos.

A filosofia que emana do Samba é articulada por agentes culturais que assumem o papel de intelectuais de seu tempo e de sua comunidade. Suas

composições são mais do que canções; são lições, crônicas e manifestos que educam e mobilizam.

Iniciemos com a obra de Jorge Aragão, que é exemplar na construção de uma pedagogia da memória. Na canção já citada no segundo capítulo, "Coisa de Pele", o verso "Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora / É a nossa canção pelas ruas e bares, que / Nos traz a razão, lembrando Palmares" nos acompanhará neste capítulo novamente, a fim de demonstrar uma articulação complexa de operação filosófica. A primeira parte do verso é um ato de descolonização epistêmica, uma rejeição à ideia de que o conhecimento legítimo é exclusivamente externo ou europeu. A segunda parte estabelece a canção popular, o Samba, como um veículo de "razão", conectando-a diretamente à memória de resistência simbolizada por "Palmares". A música, nesse sentido, cumpre uma função pedagógica essencial: a de realizar o que Paul Ricoeur chama de "trabalho de rememoração" (RICOEUR, 2007, p. 84), um esforço ativo para resgatar o passado e dar-lhe um sentido no presente, transformando a memória histórica em fundamento para a identidade e a ação.

Se Aragão educa pela memória. Leci Brandão educa pela crítica contundente ao presente. Sua música funciona como uma tribuna a partir da qual as vozes subalternas podem falar. Ao abordar temas como o sistema carcerário, a desigualdade social e o preconceito, não apenas narra a realidade, mas a questiona filosoficamente, investigando as estruturas de poder que a sustentam. Sua arte é uma "filosofia da práxis" que incita a uma tomada de consciência, um chamado para que a coletividade reflita sobre suas próprias contradições.

Uma análise da canção "Zé do Caroço" (BRANDÃO, 1978), frequentemente interpretada por Leci Brandão, comprova de forma exemplar a questão apresentada. A música narra a história de um líder comunitário que, por meio de um alto-falante, transmite as notícias e as reivindicações de sua favela, incomodando a ordem estabelecida. Esta canção é a materialização da "filosofia da práxis" de Leci, pois não se limita a descrever uma realidade, mas celebra uma ação transformadora.

A figura de Zé do Caroço representa a "voz subalterna" que encontra um meio de se fazer ouvir, transformando o morro em uma ágora e o alto-falante em uma tribuna. Ao narrar que "no morro do Pau da Bandeira, Zé do Caroço é o porta-voz", a canção ilustra como a arte de Leci "põe a boca no mundo ela faz um discurso profundo, ela quer ver o bem da favela" (BRANDÃO, 1978). Dessa forma, Leci não apenas narra a realidade, mas a questiona filosoficamente, investigando as estruturas

de poder que silenciam as periferias. A música, portanto, deixa de ser apenas uma crônica e se torna um ato político e pedagógico, que incita a uma tomada de consciência sobre o direito à voz e à existência, confirmando a definição de sua obra como uma "arte política, crítica, revolucionária" (MORAES, 2015, p. 145).

A letra da música "Homem Invisível" (Prateado, Picolé, Braga, 2020) interpretada por Péricles e Projota, articula a dolorosa cisão imposta ao sujeito negro pela sociedade branca: a aceitação de seu corpo e a negação de sua mente. Os versos "Sou igual quando eu grito gol / Aplaudir, só se eu fizer um show" descrevem a condição na qual o negro é celebrado enquanto permanece no campo do entretenimento, do esporte e do corpo, sendo visto como "biológico, sexo, forte, esportista, potente" (FANON, 2008, p. 144), um objeto de admiração, mas nunca um igual no plano do intelecto. Contudo, o verso "Mas se for discursar, vão me calar" aponta para o silenciamento epistêmico, o momento em que o negro tenta se posicionar como sujeito do discurso e da razão, mas o mundo branco lhe nega essa legitimidade.

Finalmente, o verso "Mas lá no carnaval faço samba" revela a solução filosófica e o ato de resistência: se os espaços hegemônicos de discurso são negados, a comunidade negra cria os seus próprios. O samba, nascido no "fundo de quintal", essa "paragem marginal" (MORAES, 2015, p. 141), transforma-se na ferramenta para a articulação de um pensamento autônomo, um potente "exercício de resistência negra" (NOGUERA, 2015, p. 17), onde o discurso silenciado pode emergir, reafirmando a humanidade e a intelectualidade que o mundo branco tenta negar.

A riqueza filosófica do Samba o qualifica como uma ferramenta pedagógica essencial para a descolonização do currículo e a promoção de uma educação mais inclusiva e representativa da realidade brasileira. Em diálogo com a Lei 11.645/2008 que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, pode-se encontrar no samba um poderoso aliado para a difusão deste ensino. Utilizar o samba em sala de aula é cumprir a diretriz de estudar as "contribuições de pensadores críticos afrodescendentes da atualidade", reconhecendo os sambistas como tais.

O Samba pode ser utilizado como ponto de partida para a discussão de conceitos filosóficos universais sob uma nova ótica. As letras de Leci Brandão, por exemplo, oferecem um rico material para o debate sobre teorias da justiça e ética social. As composições de Jorge Aragão podem ser analisadas à luz das teorias sobre

memória coletiva de Maurice Halbwachs, exploradas por Paul Ricoeur (RICOEUR, 2007, p. 130). A análise de um Samba que aborde a alienação pode ser diretamente conectada à obra de Fanon, que descreve como o colonizado é forçado a se ver através do olhar do outro (FANON, 2008, p. 103). Essa abordagem não apenas torna a filosofia mais acessível e relevante para os alunos, mas também os educa a reconhecer o pensamento filosófico em manifestações culturais que lhes são próximas.

A força pedagógica e transformadora do samba manifesta-se de forma ainda mais intensa fora dos muros da academia, nos espaços comunitários onde ele é vivido coletivamente. A roda de samba é a materialização desse espaço filosófico não-formal. Nela, a comunidade se reúne não apenas para o lazer, mas para um ritual de pertencimento e reafirmação. É um "território de anunciação" (ARCURI, 2015, p. 85), onde se pratica a "oralitura", a transmissão oral de saberes, e onde a memória coletiva é ativada. Cada roda é uma aula viva sobre história, ética e identidade, um espaço onde "para se lembrar, precisamos dos outros" (RICOEUR, 2007, p. 131), e a comunidade inteira se torna educadora de si mesma.

Ao criar e sustentar esses espaços, a comunidade negra exerce sua cidadania de forma ativa. A roda de Samba torna-se um "lugar de fala" coletivo, uma arena política onde a identidade é afirmada e as narrativas hegemônicas são desafiadas. Esse processo é uma forma de autolibertação que materializa a filosofia de Fanon, que conclama o oprimido a deixar de ser um "objeto em meio a outros objetos" para se tornar um "homem que questiona" (FANON, 2008, p. 103, 191). O Samba, portanto, não é apenas música; é a construção de um "mundo humano", um mundo de "reconhecimentos recíprocos" (FANON, 2008, p. 181) que começa a ser edificado a partir das margens.

Mediante a essa discussão, nota-se que o samba opera como uma poderosa ferramenta pedagógica e de transformação social. Por meio da análise de seus praticantes como filósofos-educadores, exploramos como a música se torna um veículo para a disseminação da consciência crítica e da memória histórica. Argumentamos que seu uso em sala de aula é um passo decisivo para a descolonização do currículo filosófico, tornando-o mais representativo e engajado com a realidade brasileira. Finalmente, ao analisar a roda de Samba como um espaço filosófico comunitário, reafirmamos o poder da cultura popular como agente de construção da cidadania e da identidade. O Samba, portanto, transcende sua

dimensão artística para se afirmar como uma filosofia em ação, uma práxis de resistência e libertação que continua a moldar o pensamento e a sociedade, provando que é, de fato, uma "ferramenta de elaboração filosófica e política" (MORAES, 2015, p. 141).

5 CONCLUSÃO

Esta monografia partiu da premissa de que o Samba não é apenas uma manifestação artística, mas uma forma legítima de pensamento (SILVA, 2015, p. 11). Ao longo desta pesquisa, buscamos demonstrar que o Samba é, de fato, uma filosofia de resistência, uma práxis de descolonização e um pilar fundamental para a construção de uma identidade negra brasileira autêntica e crítica. A trajetória deste trabalho percorreu três etapas: a contextualização histórica, a fundamentação teórica e a demonstração de sua aplicação pedagógica e social.

O primeiro capítulo situou o Samba em seu solo histórico, a "Pequena África" do Rio de Janeiro pós-Abolição (MOURA, 1995, p. 86), demonstrando que em espaços como a casa de Tia Ciata, o Samba emergiu não apenas como festa, mas como um dispositivo de sobrevivência cultural e espiritual. Em meio a uma sociedade que o criminalizava, tratando suas manifestações como "coisas perigosas" (MOURA, 1995, p. 100), a prática do Samba, indissociável da religiosidade de matriz africana (MOURA, 1995, p. 103), tornou-se o primeiro ato de resistência: um espaço onde a comunidade podia articular sua coesão e preservar sua memória.

O segundo capítulo elevou essa prática de resistência à categoria de filosofia, utilizando o referencial do pensamento afroperspectivista. Argumentamos que o Samba é a resposta direta ao "epistemicídio" — a "negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento [...] produzido pelos grupos dominados" (CARNEIRO, 2005, p. 15). Esta análise dialoga diretamente com a obra de Frantz Fanon, que diagnosticou a condição do colonizado como uma profunda alienação, a necessidade de se "liberar o homem de cor de si próprio" (FANON, 2008, p. 26). Se Fanon identifica o problema na internalização do olhar opressor, que transforma o negro em "objeto em meio a outros objetos" (FANON, 2008, p. 103), o Samba é a práxis dessa libertação. Ele é a ferramenta pela qual o sujeito negro rejeita a definição imposta e articula seu próprio pensamento, iniciando o processo de desalienação.

Esta articulação do pensamento é o que Paul Ricoeur define como o "trabalho de rememoração" (RICOEUR, 2007, p. 84). O samba não é um "excesso de memória" passivo; é um esforço ativo para confrontar uma "memória manipulada" (RICOEUR, 2007, p. 93) pela narrativa dominante. Ele é a expressão de um "dever de memória" (RICOEUR, 2007, p. 101) que busca justiça, não vingança. É a recusa fanoniana de "se deixar atolar nas determinações do passado" (FANON, 2008, p. 190) e a decisão

de "superar o dado histórico, instrumental, que introduz o ciclo de minha liberdade" (FANON, 2008, p. 190).

Finalmente, o terceiro capítulo demonstrou como essa filosofia se torna uma "ferramenta de elaboração filosófica e política" (MORAES, 2015, p. 141) na prática. Analisamos sambistas como Jorge Aragão, Leci Brandão, Vinny Santa Fé, Péricles como filósofos-educadores. Em suas letras, eles exercem a "filosofia da práxis", cumprindo a vocação do pensamento crítico de não apenas "conhecer o mundo, mas transformá-lo" (FANON, 2008, p. 33). Seja "relembrando Palmares", ou colocando a "boca no mundo" para fazer um "discurso profundo", eles utilizam o samba como uma ferramenta pedagógica para a libertação da mente coletiva.

Conclui-se, portanto, que o Samba é uma filosofia viva, pulsante e essencial. Nascido no "fundo de quintal", essa "paragem marginal" (MORAES, 2015, p. 141) que é também um "território de anunciação" (ARCURI, 2015, p. 85), o samba prova que o pensamento filosófico pode emergir de fora da academia. Ele é a materialização do "mundo humano" de "reconhecimentos recíprocos" (FANON, 2008, p. 181) que a comunidade negra construiu para si. Reconhecê-lo como filosofia não é apenas um ato de justiça epistêmica, mas um passo necessário para a construção de uma educação e de uma sociedade brasileiras verdadeiramente plurais, que tenham a coragem de, enfim, "enegrecer" (NOGUERA, 2015, p. 14) seu próprio pensamento. Este trabalho se encerra reafirmando a prece final de Frantz Fanon, que é também a essência da filosofia do samba: "Ô meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona!" (FANON, 2008, p. 191).

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Editora 34, 2001.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MORAES, Marcelo José Derzi *et al.* O samba como possibilidade descolonizadora da filosofia. *In: CONGRESSO EPISTEMOLOGIAS DO SUL*, 2., 2018. **Anais [...]**. v. 2, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/episteme/article/view/27991>. Acesso em: 14 abr. 2025.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

NOGUERA, Renato (Org.). **O samba e a filosofia**. Curitiba: Prismas, 2015.

NOGUERA, Renato; SILVA, Wallace Lopes. **Pequena África: filosofia preta de uma geografia de resistência**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTA FÉ, Vinny. **[Depoimento sobre a música Caixeiro Viajante]**. Destinatário: Mauro André Alvarenga. Campinas, 2024. Instagram. Mensagem direta (Direct) recebida em: 11 nov. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SILVA, Wallace Lopes (Org.). **Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba**. Rio de Janeiro: Hexis; Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUSA, Rafaela. Países da África. *In*: **Brasil Escola**. c2025 Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/paises-da-africa.htm>. Acesso em: 3 nov. 2025.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.